

Don Luigi Giussani: o seu olhar penetrava a alma

Celebrações em todo o mundo em memória do carismático fundador de Comunhão e Libertação, educador inovador, incansável animador social, falecido há 15 anos em Milão. As recordações de Pe. Julián Carrón, presidente da Fraternidade de CL e sucessor de *Don* Luigi Giussani como guia do movimento.

Roberta Gisotti – Cidade do Vaticano

“**Buscava a beleza e encontrou Cristo**” e, a partir deste encontro, obteve a força para entusiasmar gerações de jovens desde o pós-guerra até hoje, passados 15 anos da sua morte em Milão, que chegou após uma longa e dolorosa doença, em 22 de fevereiro de 2005, aos 83 anos. Nasceu em Desio, cidade da região da Brianza, ao norte de Milão, filho de Beniamino, desenhista e escultor, socialista, e Angelina Gelosa, operária têxtil, católica; com apenas 11 anos de idade, Luigi Giovanni Giussani entrou no seminário menor de Venegono. Sacerdote aos 23 anos, ele pediu para ensinar religião no Liceu Berchet, o que fez durante 13 anos. Depois tornou-se professor de Teologia na Universidade Católica de Milão, cátedra que ocupou até 1990.

A relação vital com os alunos

É na atmosfera estudantil, ao longo dos anos 50 e 60, cheios de fervor, que **o jovem padre Luigi lança as bases para o nascimento do movimento de Comunhão e Libertação**, precisamente nas escolas de ensino médio, onde já atuava o grupo Gioventù Studentesca – ligado à Ação Católica –, que parte dos ensinamentos do jovem sacerdote sobre o sentido religioso e a razoabilidade da fé, sobre a pedagogia de Jesus ao revelar-se e a natureza da Igreja como continuidade da presença de Cristo na história. São anos de ativismo renovado dos jovens católicos, que terão impacto nos protestos de 1968, que induzirá vários deles a abandonar a experiência cristã para aderir ao Movimento estudantil.

Nasce Comunhão e Libertação

Chegou a hora de relançar o compromisso original dos jovens católicos **numa proposta educativa centrada na fé cristã, que continua por toda a vida**, não se esgota mas se renova sempre ao ouvir

o Evangelho e se aprofunda em todos os âmbitos da vida quotidiana. Com esse objetivo, em 1969 nasceu o nome Comunhão e Libertação, um movimento que rapidamente se espalhará por todos os espaços sociais, escolas, universidades, paróquias, fábricas e outros locais de trabalho, muitas vezes desafiando contextos cultural e politicamente hostis.

A tumultuosa expansão do movimento

Um caminho marcado nos anos '70 e '80 por uma expansão tumultuosa do movimento em Itália e no exterior. **Hoje, CL está presente em cerca de noventa países nos cinco continentes**, sem que seja exigida aos membros uma associação formal. "Apostei tudo na liberdade", lembrava frequentemente *Don* Giussani, que também não ignorava os riscos e possíveis desvios para o Movimento, no sentido intelectual, organizativo, político, recordando continuamente a "verdadeira natureza" de CL: a fé vivida em comunhão como fundamento da autêntica libertação do homem.

Valorizando o verdadeiro, o belo, o bom, o justo

São brilhantes as suas palavras, um ano antes de sua morte, quando ele esclareceu como tinha entendido o seu papel como "educador do cristianismo": "Eu não apenas nunca pretendi 'fundar' nada, como considero que a genialidade do movimento que vi nascer é ter sentido a **urgência de proclamar a necessidade de um retorno aos aspectos elementares do cristianismo**, ou, por outras palavras, a paixão pelo facto cristão enquanto tal, nos seus elementos originais, e nada mais. Talvez justamente isso tenha despertado possibilidades imprevisíveis de encontro com personalidades do mundo judaico, muçulmano, budista, protestante e ortodoxo, desde os Estados Unidos até a Rússia, num ímpeto de abraço e valorização de tudo o que de verdadeiro, belo, bom e justo permanece em quem quer que viva um pertencer".

A Escola da Comunidade e a Fraternidade

Entre as realidades mais relevantes nascidas em torno do movimento, estão a Escola de Comunidade e a Fraternidade de Comunhão e Libertação, associação reconhecida pela Igreja universal em 1982, que vê o **compromisso dos membros em viver a fé como um caminho de santidade**, segundo o método transmitido por *Don* Giussani. Hoje, conta com mais de 65 mil fiéis em todo o mundo.

O Meeting de Rimini e o Banco de Alimentos

Duas iniciativas adquiriram grande popularidade em Itália com o **envolvimento de centenas de milhares de voluntários** que animam o Meeting de Rimini, dedicado todos os anos ao debate

público sobre questões atuais que desafiam a sociedade civil e a comunidade eclesial e o Banco de Alimentos, que recolhe alimentos e recupera os excedentes da produção agrícola e industrial para distribuí-los em estruturas de caridade espalhadas por todo o território.

O entusiasmo e o carisma inesgotável do fundador

Uma intensa vida de oração, de compromissos sociais, de viagens, de encontros por todo o mundo, de carisma inesgotável e entusiasmo por todas as expressões da arte. Apenas sete anos após o seu falecimento, **em 2012, foi aberta a causa de beatificação e canonização de Don Luigi Giussani**, cujo túmulo no cemitério monumental de Milão é um destino de devoção e oração para muitos dos que o conheciam, apreciavam o seu trabalho pastoral e beneficiaram dos seus inegáveis dotes humanos e espirituais. Entre eles está o **padre Julián Carrón**, seu sucessor à frente do movimento de Comunhão e Libertação, presidente da Fraternidade CL, professor de teologia na Universidade Católica de Milão.

Quinze anos após a morte de Don Giussani, deste sacerdote extraordinário e carismático, qual é o maior legado que resta de seu carisma?

R. – O maior legado que resta é o de nos ter introduzido numa experiência de fé e de vida cristã, que nos fascinou, a todos os que o conhecemos, e continua a fascinar-nos. Quanto mais vivemos o seu carisma nestes tempos, por vezes dramáticos e confusos, mais gratos estamos pela modalidade educativa a que ele nos introduziu, porque é como se ele tivesse antecipado a situação multicultural em que vivemos, na qual a única possibilidade de as pessoas se interessarem pela fé é encontrarem algo que as fascine a viver mais intensamente. Por isso, quanto mais o tempo passa, mais agradecidos estamos por esta graça que recebemos.

Don Giussani deu por si a “semear” o movimento em anos difíceis de fortes mudanças que levaram à revolução política e cultural de 1968. Que lição se pode retirar para enfrentar os desafios atuais do cristianismo, para motivar os jovens católicos ao compromisso social?

R. – Basicamente, o que ele fez nos anos dramáticos – aqui já lembrados – que levaram ao 68, é o que fazemos agora noutra contexto, não tão homogêneo como ainda era na época, mas muito mais multicultural, onde há constantemente uma inter-relação entre personalidades, com origens completamente diferentes, provenientes de todas as culturas, de todas as religiões. O desafio permanece o de sermos capazes de encontrar uma maneira de viver a fé, que seja capaz de ser interceptada pelas pessoas. Esta parece-me ser a melhor coisa que se possa fazer, porque, como continua a repetir o Papa, o cristianismo comunica-se não pelo proselitismo, mas pela atração. A

questão, então, é que se possa encontrar algo que atraia com poder e beleza suficientes para encontrar na fé o que é a fé: uma experiência em que a vida se torna 100 vezes mais bonita e mais intensa.

O movimento de Comunhão e Libertação está espalhado por todo o mundo hoje: em que países vê maior vitalidade para relançar as boas novas, o coração da mensagem cristã, a beleza de viver?

R. - Em vários países, mas, fora a Itália, onde a presença do movimento é muito difundida, penso sobretudo no Brasil, nos Estados Unidos e na Espanha, onde essa vitalidade é vista de maneira particularmente empolgante. Por exemplo, nos Estados Unidos, onde estive recentemente, há uma sociedade que poderia estar menos propensa a interessar-se por nós, mas, ao contrário, existem espaços e maneiras de dialogar, modos de viver de pessoas que nos surpreenderam; ficámos sem palavras ao ver o quanto se podem interessar por uma proposta de fé como um acontecimento que muda a vida.

Portanto, não ser tímido na proposta cristã, porque às vezes temos esse sentimento de desconfiança de que hoje o cristianismo já não é capaz de se apresentar como deveria...

R. – Absolutamente, sem nenhuma timidez. A única questão é que se concebermos o cristianismo simplesmente como um moralismo para “bater” com conceitos sobre conceitos e apenas como uma doutrina, então sim, é preciso sermos tímidos, porque isso já não convence ninguém. Por outro lado, se aquilo com que as pessoas se sentem desafiadas é uma beleza, uma atração, um modo de vida que desafia a mediocridade da vida, como o simplesmente sobreviver, então não é necessário sermos tímidos, mas sim audazes, para que as pessoas possam interceptar uma vida “plena”, que infelizmente não é tão frequente; então, vivamos com consciência a natureza própria do cristianismo como um acontecimento que muda a vida e mais pessoas terão a capacidade de interceptar um olhar, uma maneira de estar na realidade que fascina.

O senhor foi muito próximo de Don Giussani: há algo em particular que conserve no coração dessa proximidade que teve a alegria de ter?

R. – Acima de tudo, o olhar. Se há uma coisa em que a personalidade de Giussani pode ser resumida, é o modo com o qual ele olhava, que penetrava a alma da pessoa que encontrava, de tanto que ele se interessava em estar presente para a pessoa que encontrava, como se ela fosse única no mundo, para valorizar tudo o que a pessoa era, de tal modo que estava disposto a dar a vida por aquela pessoa. E este [olhar], qualquer pessoa que o tenha cruzado, mesmo que por um breve

momento, não pode esquecer; conserva-o consigo, no seu coração, é como reconhecer Jesus. Agora, neste momento, digamos, de medo, de desânimo, mais do que nunca precisamos de encontrar um olhar assim.